

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1881

NUMERO 37

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

Summario. — Jacintho Heller, Sousa Bastos — *Cariátides*, escoreços dramaticos, P., Thalia — *A vida lisbonense*, visconde de Benalcanfor — *Carteira de um fantasista*, Oscillações, Sergio de Castro; O coração, Castro Alves — *Isabel de Inglaterra*, D. Antonio da Costa — *Menos um poeta*, Luiz Guimarães Junior — *Rumores dos palcos* — *Segredos de toucador*.

JACINTHO HELLER

Poucos nomes haverá tão sympathicamente conhecidos no Rio de Janeiro. É de origem allemã; mas nasceu em Portugal, e o Brazil foi a terra que escolheu para desenvolver a sua prodigiosa actividade e as suas poderosas facultades intellectuaes.

O pae de Jacintho Heller, excellente professor de musica, posuiu na cidade do Porto, na rua de Santo Antonio, um armazem de instrumentos. Ou por lhe não sorrir a fortuna, ou porque o atrahia para a fascinadora America uma justa ambição, abandonou a vida commercial e partiu para o Rio Grande do Sul com sua familia, fazendo-se actor.

A excessiva modestia de Jacintho Heller, a sua recusa formal a quaesquer apontamentos biographicos, obrigam-nos a omittir pontos importantes da sua vida, aproveitando apenas as reminiscencias de alguns amigos e diversos factos a que elle se refere na conversação intima.

Assim, sabendo que chegou ao Rio Grande com dez annos de idade, vamos encontral-o aos vinte, já casado, com filhos, e fazendo os primeiros galans de uma companhia dramatica.

João Caetano, esse talento posante, que ainda não teve substituto na scena brazileira, e que em Lisboa foi admirado n'uma serie de representações no theatro de D. Maria, foi d'uma vez ao Rio Grande, tomar parte n'uns espectaculos para que fôra convidado. Alli trabalhou com Heller, e de tal forma lhe agradou o sympathico galan, que immediatamente o contractou para a sua companhia do Rio de Janeiro.

Chegado á capital do imperio brazileiro, Jacintho Heller tomou o logar que lhe competia no theatro de S. Pedro d'Alcantara e ahi se conservou até á morte do seu mestre e amigo, desempenhando papeis importantissimos. D'alli passou para o theatro de S. Januario, que já hoje não existe. E mais tarde foi chamado para o theatro do Gymnasio, por um fallecido Heliodoro, o primeiro que fez representar no Brazil o drama intimo e a alta comedia.

No meio das vicissitudes por que tão frequentemente passam os artistas no Brazil, viu-se d'uma occasião Heller envolvido n'uma sociedade que alternadamente dava espectaculos no theatro de Pedro II e na Phenix. Como tambem quasi sempre em Portugal, as sociedades de actores não prosperam por mais que a fortuna as ba-feje. Foi assim que deixou de existir a sociedade de que faziam

parte muitos artistas de merecimento, entre os quaes Heller e Vasques, e apesar do extraordinario successo com que fôra recebida e da enorme receita que dêra a parodia ao *Orpheu no inferno*, que Vasques fizera com o titulo *O Orpheu na Roça*.

Desfeita a sociedade, Heller tomou sobre si os enormes encargos de empresario e director de scena, lutando durante alguns annos com innumeras difficuldades por querer conservar intactas as tradições que ao theatro brazileiro legára João Caetano. O repertorio era o mais escolhido; a companhia o mais completa possivel, e todavia em pouco tempo o deficit de Heller subia a quantia muito superior a oitenta contos de réis!

Foi preciso então mudar de rumo, esquecer um pouco a arte e transigir com o gosto do publico.

A sala do Alcazar, onde uma companhia franceza representava com immenso agrado o moderno repertorio de operetas, operas-comicas e operas burlescas, estava sempre cheia. Decididamente tinha-se voltado para taes peças o gosto publico. Que remedio, senão satisfazel-o?... Assim pensou Jacintho Heller. Mas para montar qualquer das peças, em concorrência com o Alcazar, que difficuldades! Nem dinheiro para guarda-roupa e scenario, nem vozes para cantarem. Isto faria desanimar o mais corajoso; mas não conseguiu amedrontar Jacintho Heller, que tem uma imaginação infatigavel e uma vontade de ferro.

Disse comsigo:—Não tenho dinheiro para montar a peça? Pois bem, porei em scena uma parodia. Scenario, servirá o que o theatro tem; fatos, cada um vestirá aquelle com que anda na rua.

Arthur d'Azevedo, um moço de excellentes qualidades e um escriptor de muito merecimento, foi o escolhido por Heller para fazer a parodia. O talentoso rapaz em poucos dias, porque o caso urgia,

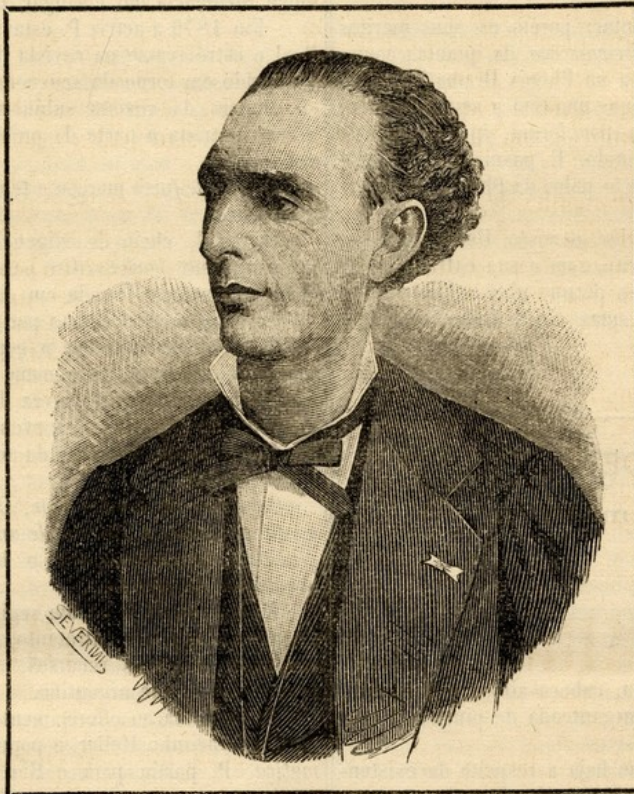
apresentava a sua *Filha de Maria Angú*, parodia á *Filha da senhora Angot*.

O successo que a peça alcançou é facil de calcular, dizendo-se que ainda hoje, passados seis annos, é certa a enchente quando sobe á scena a engraçada parodia.

A difficuldade das vozes resolveu-a Heller, indo contractar actrizes francezas e ensinando-lhes os papeis, palavra por palavra, com a paciencia unica e admiravel que só n'elle conhecemos.

Com a *Filha de Maria Angú* estava lançado o genero e estavam alcançados os meios para luxuosamente se pôrem em scena outras peças.

De então até hoje, o theatro Phenix Dramaticá tem satisfeito pon-



Jacintho Heller

tualissimamente todos os seus compromissos, que são enormes, pela forma por que as peças são postas em scena e pelo excellente pessoal que tem sempre contractado.

Para saber-se o quanto a Phenix é estimada do publico fluminense, basta conhecer-se o grande exito e o extraordinario numero de representações que tem attingido muitas peças, entre as quaes: *Sinos de Cornerille, Loteria do Diabo, Mil e uma noites, Niniche, Princeza dos Cajueiros, Robinson, Noivos, Mulher do papá, Mosqueteiros no convento, Milho da padeira, Grã-Duqueza, Madame Favart, Almas do outro mundo, Barba Azul*, e muitas outras.

Como homem, Jacintho Heller não tem um inimigo. Todos apreciam as suas excellentes qualidades e o seu caracter honradissimo. Poderia já hoje dispôr de enorme fortuna, se a sua bolsa não estivesse sempre aberta para os pobres. Em subscrições de caridade, na libertação de escravos, em qualquer caso que a esmola seja reclamada, é elle o primeiro a figurar, mas sem alarde, porque nas listas vê-se sempre quantia importante offerecida por um anonymo. É chefe de numerosa familia; mas um chefe modelo; adora a mãe e a esposa, estremece os filhos.

Como empresario, é mais um pae dos seus artistas e empregados. A todos trata com a maxima affabilidade, a todos proporciona todas as commodidades, a todos presta os serviços de bom amigo. Conserva quasi todos os artistas do começo da sua empresa, no que elle tem grande gloria. Se por acaso alguma vez soffreu a ingratidão d'aquelles que recebera com agrado e protegera quanto cabia em suas forças, todos o ignoram, porque da bocca d'elle não sae um unico queixume, uma palavra de censura.

Jacintho Heller deixou de representar; porém os seus meritos artisticos podem bem avaliar-se no *mise-en-scène* de quantas comédias, operetas e magicas sobem á scena na Phenix Dramatica. Elle, que nunca viu um theatro na Europa, que não tem a seu lado quem o auxilie, apresenta as peças em scena por forma, que alcançaria um triumpho em qualquer parte do mundo. É pasmoso o que elle faz, principalmente para quem conhece o palco da Phenix, uma verdadeira casca de noz!

E para conseguir tamanhos prodigios, o nosso Heller tudo faz com a sua inquebrantavel paz de espirito, com a sua extraordinaria paciencia, a não ser nos ensaios geraes, porque n'esses transformase; em vez de Heller, é uma fera... mas ainda assim, uma fera sympathica.

Sousa Bastos.

CARIÁTIDES

Escorços dramaticos



Salero!

Olhos negros e vivos, pelle morena, cabeça airosa e petulante, andar leve, agil, requebrado e voz garganteada de pintasilgo cantando ao sol...

Não se sabe bem ao certo, porque haja a respeito da existencia de certas creaturas, quer se chamem a actriz sicrana ou o poeta beltrano, uma penumbra implacavel que o biographo em vão pretende illuminar com o seu archote investigador, se ella nasceu nas margens do Manzanares, entre o Darro e o Guadalquivir, ou se foi nascida e baptisada em terras portuguezas.

Em todo o caso, gira-lhe nas veias sangue do Cid, por sua mãe que é hespanhola e pela sua criação, um pouco ao acaso, como a dos passaros errantes.

Parece que P. cantava magistralmente o fado nacional, essa melopeia saudosa e triste, inspirada talvez pelo romancero, e onde passa como que uma vaga reminiscencia da poesia mosarabe, cantava-o como a viscondessa, *** produzindo furor no seu auditorio.

A hespanholita adquirira fama entre as primeiras cultivadoras do genero.

A guitarra tremia-lhe entre os dedos finos e recurvados como uma alma vibrando ao contacto de um beijo, e a sua pequenina voz

trinada e fresca passava atravez do instrumento, pondo na melancolia plangente da trova as scintillações alegres da mocidade.

Houve alguém que estimulou um dia os brios da hespanholita, affirmando-lhe que ella cantava deliciosamente.

Atraz d'este alguém, appareceu outro, outro e mais outro...

Então, a idéa do theatro passou-lhe pela cabeça como um sonho ardente e tentador...

N'esse dia a guitarra teve uma nova expressão febricitante, a voz vibrou umas notas expansivas e risonhas, onde cantava a esperanza a sua symphonia escarlate e faiscante de sorrisos, e o leque, o leque, — *salero!* — o leque — provocante e eloquente quando o maneja uma filha de Castella — arfou convulsivamente nas suas mãos nervosas e magras.

Pouco tempo depois P. *debutava* no Porto.

Do Porto passou para Lisboa, apparecendo pela primeira vez ao publico em uma revista de Sousa Bastos e cantando deliciosamente, pela graça, pela malicia e pela languidez apaixonada, inherentes á musica hespanhola, umas *malaqueñas*, que a plateia applaudiu doadamente e que tiveram a habilidade de attrair Lisboa em peso á Rua dos Condes.

O grande contratempo, porém, que saltejava a actriz, cortando-lhe a carreira logo aos primeiros passos, consistia em fallar ella hespanhol, um idioma sonoro e energico, cheio de opulencias dramaticas e de suavidades idyllicas, mas infelizmente um idioma impossivel para ser pronunciado... em portuguez.

Ainda assim, P. não desanimou; a semelhança das linguas e a longa residencia em Portugal, facilitaram-lhe a tarefa.

Em 1879 a actriz P. estava escripturada no theatro do Principe Real e estreciava-se na revista de Sousa Bastos, sendo bem acolhida e fazendo em torno do seu nome o primeiro *brouhaha* do successo.

Depois da revista subiu á scena a *Niniche*, interpretando a graciosa atrista a parte da protagonista, que resume e synthetisa o *caudeville*.

O *tour de force* marcou a temperatura d'esse organismo audacioso e energico.

O papel, cheio de exigencias e difficuldades, um papel creado por um auctor *boulevardier* para uma actriz parisiense, faria recuar qualquer outra, collocada em circumstancias identicas.

P. encarou de frente o perigo e marchou resoluta para o fogo.

O resultado excedeu a expectativa da artista; o publico victoriou-a ruidosamente e o nome de P. voou como uma borboleta de azas reluzentes, voou, atravez de todos os jornaes, pousando em ramalhetes de adjectivos e sorvendo embriagado o nectario do louvor.

Desde então, o merito da actriz recebeu a sua consagração plena e indiscutivel.

A *Filha do tambor-mór*, *O demonio negro*, a *Revista de 1880* e, ultimamente, a *Estreia de uma actriz* confirmaram o successo da *Niniche*, assignalando-lhe o logar entre o das nossas primeiras *chanteuses* de opereta.

A voz de P. é de um registro pouco volumoso e por vezes ligeiramente ingrato: entretanto, ninguém aproveitaria com mais escrupulosa usura os recursos, aliás escassos, d'esse pequenino soprano suavemente argentino.

Em seguida ao offerecimento de uma escriptura vantajosa, por parte de Jacintho Heller, o popularissimo empresario da *Phenix dramatica*, P. partiu para o Rio de Janeiro, onde representa actualmentemente.

Os olhos dos fluminenses, que a tinham ido namorar atravez do crystal das *montres*, onde esteve de antemão exposto o retrato da gentil actriz, correram açodados a miral-a atravez da lente dos binoculos. O theatro encheu se *de fond en comble*. Uma multidão impaciente, avida de novidades, devorada de curiosidade ardente e inquieta, aguardava a gentil hespanhola, fazendo-lhe logo á sua entrada em scena um murmuro expressivamente sympathico e confundindo na mesma ovação delirante a actriz que *debutava* na peça, e a peça que se estrejava pela actriz.

Desde então P. não faz outra cousa senão guardar ramos de pennas, — estes ramos formam parte integrante do successo brasileiro — offerecidos pelos seus admiradores.

Uma idéa, a proposito dos ramos.

Porque não substituem os brasileiros o ramo pelo *échin*?

Pois não será muito mais bonito uma *osmeralda* de scintillações

verdes ou um diamante de faiscões rutilantes e irisadas, do que uma penna de arara?

Muito mais bonito, e especialmente muito mais artistico.

TRALIA.

A VIDA LISBONENSE

Portugal solveu nobremente á Hespanha a divida que contrahiou por occasião das festas do centenario de Camões. Alguns dos nossos escriptores mais festejados foram a Madrid, d'onde acabam de regressar, depôr uma corôa de homenagem sobre o monumento erigido a Calderon de la Barca, e em banquetes fraternaes entoar brindes de fervido enthusiasmo á alliança e á prosperidade das duas nações peninsulares. Á cortesia hespanhola, tão primorosamente usada para connosco em 10 de junho de 1880 — n'esse dia memoravel, em que a alma nacional, palpitante de fé e de enthusiasmo, se sentiu rejuvenescer de alento e de esperanças, não podia deixar de corresponder a galanteria portugueza em uma festa de tão largo e eloquente significado, como aquella em que a nação visinha — a herdeira da mais esplendida litteratura dramatica, de que pôde ufanar-se um povo com brilhantes tradições artisticas — acaba de glorificar um dos seus engenhos culminantes mesmo entre essa immortal pleiade, cujos nomes rutilam com inextinguivel fulgor: Guillem de Castro, Tirso de Molina, Lope de Vega, Calderon de la Barca.

Á parte os defeitos da sua obra, Calderon e Lope de Vega reinaram com indisputada soberania e empunharam o sceptro do theatro hespanhol durante o largo periodo de 90 annos, perto de um seculo! Foi n'esse cyclo e sob a influencia das suas eminentes faculdades creadoras, que a scena hespanhola attingiu á sua maxima altura. Se não foi innovados no sentido genuino da palavra, em relação á obra do seu glorioso predecessor Lope de Vega, é certo, todavia, que Calderon a aperfeçoou, empregando mais exactidão technica na combinação dos incidentes dramaticos e dispondo cada elemento com mais habilidade para os effeitos scenicos. O grande Goethe, conforme o assevera Eckerman, comprazia-se em testemunhar calorosamente a sua admiração para as raras qualidades d'esse escriptor e mestre do theatro, prodigiosamente fecundo, que cunhou as suas creações litterarias com o sello profundamente original de um estylo e de uma versificação brilhantes, em que luzem as maximas pompas do genio peninsular, realçadas pela opulenta variedade dos metros arrancados á poesia hespanhola e á italiana, cujos thesouros possuia e liberalisava com a prodigalidade caracteristica do genio. A obra dramatica de Calderon, no seu conjuncto, exhibenos uma côr e uma physionomia novas.

Se é mais poetico o seu drama, é menos verdadeiro e real do que o de Lope de Vega. A sua phantasia potente, quando illuminada em cheio pelos clarões interiores, transporta-nos a um mundo desconhecido, cheio de esplendores sobrenaturaes, de miragens que deslumbram. Pairamos então com elles nas regiões encantadas e libram-se em uma atmospheria luminosa, já as meigas, já as heroicas visões evocadas pela portentosa imaginativa do poeta. Raros, rarissimos pôdem competir com elle na multiplicidade dos seres e das figuras com que povôa um universo moral, vastissimo, de sentimentos e de paixões, communicando vida real aos devaneios e aos sonhos da phantasia. Se a obra de Calderon não tem o grande sopro universal, que respira no poema de Camões, é innegavel que, no complexo mundo moral dos innumerables personagens que surdem da sua mente poderosa, o escriptor hespanhol, o grande dramaturgo, allumiou as profundezas e recessos mysteriosos do coração, inundando-os de claridade, com a mão firme e vigorosa de um Shakespeare.

* * *

Emquanto a viagem dos litteratos portuguezes se distendia por Madrid, em uma luzente espiral de banquetes e saraus, Lisboa acordava do seu toscanejar, ao som imperioso da batuta eminentemente correcta e classica de Colonne, um *maestro* de primeira plana.

Pouco depois, a resaca das festas de Madrid arrojava-nos, em

um impeto de generosidade, o rebequista Paulo Sarasate, um prodigio, um magico, que não se descreve, porque a palavra escripta é impotente para pintar as maravilhas de sonoridade que brotam d'aquella rabeca excepcional, sob o arco do incomparavel feiticheiro.

Lisboa, que é um posto meteorologico, e até certo ponto tambem um posto medico, porque, em começando os calores do estio, não ha cidadão que não esteja em tratamento das variadas doenças que fervem dentro da cidade; Lisboa, digo, parece aspirar ultimamente aos fóros de posto musical. Hoje é Barbieri, que vem disciplinar os figles e os trombones amotinados de uma orchestra. Amanhã cabe a Kuonn a tarefa de amaciar as discordancias asperas das nossas requintas. Agora chega Metrá anhelante, impaciente de submeter os instrumentistas nacionaes ao jugo do rythmo, iniciando-os ora nos segredos das pausas, ora nos ardores e nos desfallecimentos das *valsas*, de que é compositor e regente, predilecto dos parisienses, esperado com alvoroço nos bailes da Opera. Logo estará de volta connosco Colonne, o mantenedor da pureza da musica classica, o interprete austero de Beethóven e de Mozart.

Nós, que em musica temos sido governados despoticamente, ha uma duzia de annos, ou pelas esfusiadas joviaes, estroinas, dos *couplets* de Offenbach, ou então pelas melodias piegas, lacrimosas, soluçantes, da *Traviata* — um violento accesso de hystericismo, uma tuberculose em quatro actos — folgamos com as visitas d'estes educadores revulsivos do gosto publico.

É tempo de arrancarmos aos pianos, assestados nos terceiros e quartos andares da *baixo*, as gargantas innocentes de que teem abusado aquelles monstros, agrilhoando-as em brutal parceria — á *execução* dos trechos mais enervantes da musica e do lyrismo do nosso tempo.

Os pianos, prestando-se a todos os excessos de uma arte aphrodisiaca, são no interior da familia tão nocivos ao gosto e á moral como as pias o são ao olfacto e á saude. Policiemol-os, pois, e não os toleremos sem syphão. Que para cada despejo musical da *Somnambula* e da *Traviata*, coado através dos nossos ouvidos, haja as maximas prevenções dos aparelhos desinfectantes e inodoros. Por outro lado, que nenhuma garganta, depois de recitar ao piano, deixe de ser lavada com uma dissolução de potassa em agua quente. Te-remos assim servido efficazmente a salubridade publica.

*

* *

Um dos factos que mais salientemente emmergiram das instituições fundadas por occasião da festividade nacional de 10 de junho do anno passado, foi o congresso das associações, as quaes se reuniram hontem na sala das sessões da camara municipal, convocadas pela commissão da imprensa.

A solemnidade foi condigna e imponente.

Pinheiro Chagas, em um improviso, que arrebatou centenas de espectadores, invocou os mais altos principios sociaes e as considerações mais elevadas de utilidade geral, e, em nome d'elles, convidou as associações a federarem-se, aconselhando a que todos se despissem das suggestões da politica partidaria, politica que divide e irrita, para se fundirem os esforços e energias individuaes na collectividade federativa, nucleo formidavel de forças, avança irresistivel de progresso.

Por muito tempo andámos afastados do movimento geral das exposições, as quaes, quer nos processos industriaes, quer nos descobrimentos da mecanica applicada, quer no dominio das bellas-artes, tendem a satisfazer uma das necessidades mais imperiosas do nosso espirito: a de inquirir, estudar e julgar pelo confronto, pela comparação. A deducção vem afinal coroar o resultado immediato das comparações feitas. O que acaba de ostentar-se com esplendor desusado em Madrid, nas festas do segundo centenario do eminente poeta dramatico — uma exposição de arte retrospectiva — vai emprehendel-o o governo portuguez com uma larga exposição de arte ornamental, no amplo palacio dos Marquezes de Pombal, ás Janellas Verdes, destinado para academia, sob a direcção do respectivo inspector e a superintendencia de homens auctorizados pela posição official, competentes pela especialidade dos seus conhecimentos em critica de arte.

Se não podemos ambicionar que revivam para nós, no meio po-

sitivo das sociedades modernas, devoradas pela febre utilitaria, aquelles seculos memoraveis da Grecia antiga, tão apaixonada do ideal, em que Pericles, no prazo de seis annos, consumiu os thesouros de Athenas em construir o Parthenon e o Odeon, embriagando os hellenos com os esplendores de Phidias e de Zeuxis, devemos esperar que as bellas-artes — aliás indispensaveis para guiar o sentimento esthetico e desenvolver o culto do *bello*, mereçam aos governos um fraco bafejo d'aquella sollicitude que consagram com effusão paternal á prosperidade dos seus scribas nédios e anafados como conegos, graças ao manancial da corrupção eleitoral, industria que medra com impeto desaffogado das mais bravas vegetações tropicaes. A exposição, a que nos referimos, porá de manifesto immensas preciosidades artisticas e archeologicas, que por ahi andam ciosamente sequestradas á attenção publica, na penumbra densa e impenetravel das colleções e galerias particulares. Da necropole immensa do passado será por esta forma exhumado quanto mereça resurgir para a historia da arte e para o ensino da geração presente. Veremos alli as bellas illuminuras dos missaes gothicos com seus florizados, suas côres inimitaveis de viveza, com os arabescos e filigranas dos seus magnificos broches de prata lavrada. Refulgirão diante de nós as magnificas salvas redondas de ouro e prata, crespas de relevos, os exquisitos lavores dos jarros e gomis, que os pagens e escançoens serviam aos nobres e senhores nos festins da renascença. As louças da China e do Japão, com seus desenhos phantasticos, as porcellanas transparentes, os jaspes e malaquitas, os manipanços e idolos de bronze, as armaduras guerreiras, as adagas e espadas recurvas, os contadores marchetados de ebano e de marfim, as cadeiras de moscovia toxeadas de pregaria, os buffetes com seus colonelos torsos, fechaduras e pingentes de metal, os grandes vasos, os espelhos venezianos, os lustros e candelabros sumptuosos, todas as elegancias e grandezas da arte historica e retrospectiva hão de comparecer n'este juizo final, n'este Josaphat de raridades, á voz dos amadores e colleccionadores. Esta exposição, esperamol-o, será uma nota delicada e interessante que ha de quebrar o monotono canto-chão da arte portugueza, enfeudada ás amostras horripilantes das lithographias baratas, da ceramica e da plastica indigenas, que, a despeito de contemporaneas, teimam, pelo feitio tosco e anachronico, em campar de pre-historicas.

Descansaremos, pois, os olhos da raza contemplação do presente, e teremos de espaiçel-os por todos esses primores de phantasia e de luxo, em que se enlevavam as sociedades antigas, como no seu mais augusto e supremo ideal. A exposição de arte ornamental não é, porém, fique-se entendendo, uma beatifica apothese do passado. Este não se resuscita como o Lazaro da escriptura. Bem louco seria quem tentasse galvanisar esse cadaver do tempo velho.

Da mesma maneira que em Roma, dentro do Vaticano, Raphael pinta face a face a *Disputa do Santo Sacramento* e a *Escola de Athenas*, reconciliando por um prodigio de genio o christianismo e a antiguidade, a religião e a philosophia, assim a exposição proxima congraçará o passado e o presente, enlaçando-os pelas afinidades mysteriosas da sympathia e da solidariedade humanas.

O estudo e a contemplação das maravilhas das épocas extinctas jámais poderão amortecer o fanal que allumia as gerações modernas. Bem pelo contrario: entrevista sob o véo do passado, a chamma do nosso tempo parece-nos palpitar mais brilhante e vivida.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

OSCILLAÇÕES

Vamos a caminhar ás cegas, sem destino,
Sem avistar um fim — a luta d'Ashwero!
E o nosso pensamento, um pensamento austero,
Declara guerra aos Ceus, e julga-se divino!

A divindade vã do nosso desatino!
Abysmo, escuridão, soberba, orgulho fero,

Que fizesteis do Amor, que é doce, bom, sincero,
— Um manto de luar, um nectar chrystallino?

Que é feito d'esse Deus sorrindo á desventura,
Ao immenso soffrer, á fadigosa lida
Em que se bebe a rir o calix da amargura?!

Sciencia, és muito grande: és ultima guarida;
Mas quem dera fugir á tua lei, tão dura,
Que nos arranca a Fé, mostrando-nos a Vida!

SERGIO DE CASTRO.

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — vôa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flor,
Vive do mel — a que se chama — crenças,
Vive do aroma — que se diz — amor.

CASTRO ALVES.

ISABEL DE INGLATERRA

Drama historico, original italiano, de Giacometti

ACTO 3.º

A sala do throno, sumptuosa. Preparativos de festa. Bandeiras, flores, grinaldas.

SCENA 5.ª

A rainha (*no throno*), lord Howard, Sir Drake, o conde de Essex (*que chegam da guerra*), Sára, a côrte.

A RAINHA ISABEL

Lord Howard! Sir Drake! conde de Essex! Graças a vós e ao nosso glorioso exercito, sahimos victoriosos de uma lueta de gigantes. A rainha Isabel vos agradece em nome da Inglaterra. Sir Drake, recebei o titulo e a patente de nosso almirante.

DRAKE

Minha senhora!... (*beija a mão á rainha, e colloca-se a um dos lados do throno*).

RAINHA

Lord Howard de Effingham, gran-almirante e generalissimo, elevamo-vos á grandesa de duque de Nottingham...

HOWARD

Sacra Rainha!... (*beija-lhe a mão, e colloca-se do outro lado do throno*).

RAINHA

Conde de Essex, maravilhou-nos, em verdade, o vosso incontestavel valor, mas deslembreste-vos dos deveres de subordinado, desobedecendo a quem nós investiram no commando do exercito de terra e mar, rebelando-vos assim contra as ordens da vossa rainha. Por isso aguardaremos, para vos premiar, que de futuro deis provas de submissão.

CONDE DE ESSEX

(*Levanta-se lentamente depois de ter ajoelhado e tomado de surpresa*)

HOWARD

(*Observando a agitação de Sara*) Que tendes, Milady?

SARA

(*Forcejando por socegar*) Não é nada...

CONDE DE ESSEX

(*Principiando com dignidade tranquilla, e augmentando-lhe successivamente a indignação*) E é assim que se festeja o regresso de um guerreiro! Este o premio que merece o vencedor de Cadiz! Enlameiam-me a espada, em quante de louros enramalhétam as outras! Mil vezes bem! Culpado sou por não ter querido adormecer sobre recontros insignificantes, mas ter proseguido na empresa difficil, e conseguido sair d'ella victorioso! A mão que lança o raio do cimo das nuvens não lhe póde limitar o espaço. O resultado provou que me não illudira. Onde se tinham escondido então estes conselheiros da prudencia! estes heroes das ante-camaras! quando eu, por entre nuvens de fumo, e montões de cadaveres, fui arvorar o estandarte da rainha no alto das muralhas de Cadiz? Estavam unicamente a ver! e quando o viram é que se lançaram, como esfaimados, dentro da cidade, já tomada, para a mandarem saquear; e em quanto eu lhes pedia que a conservassem como o primeiro baluarte inglez na terra hespanhola, divertiam-se elles a passar os prisioneiros ao fio da espada, a violar donzellas, a degolar creanças e a atear o fogo por todos os bairros; as chammas, crescendo gigantes, allumiavam a immensidade do mar! E é por façanhas d'estas que lord Howard acaba de ser elevado a duque de Nottingham! Pois, eu, como lhe fiz sobre as ruinas de Cadiz, aqui lhe lanço o meu guante de desafio.

LORD HOWARD

E eu levanto-o na presença da rainha.

RAINHA

(*que tem ouvido a falla do conde, com transições diversas, desce impetuosamente do throno*). Duque de Nottingham, não toqueis n'esse guante. Quem é o presumido que imagina ensinar-nos a fazer justiça, e põe na mente lutar com a sua rainha?! Olá! (*para os da corte*) vão chamar Green, o comico do theatro de Black-Friars, que desempenha tão bem o papel de Henrique VIII; digam-lhe que venha entregar a este homem a corôa de papelão, para que se possa julgar por um momento igual a nós.

CONDE DE ESSEX

Não careço d'ella. A Inglaterra inteira sabe, á saciedade, que o conde de Essex descende de reis.

RAINHA

(*Chammejando-lhe os olhos*) Cuidado, conde!

CONDE DE ESSEX

Ah! (*arrancando da cabeça a corôa de loiros e deitando-a ao chão*). Arranquem-me da cabeça esta corôa, emblema dos fortes, e deem-me uma de papoilas. . . enfraquece-me a voz que fazia estremecer exercitos, estes joelhos cobertos de ferro que nunca souberam dobrar-se, a não ser sobre os estribos, vão-se curvar agora (*com grande ironia*) para ajoelhar deante do duque de Nottingham, que teve a gloria de concluir a guerra de Hespanha sem desembainhar a espada, e só por que o acaso de uma tempestade atirou os galleões hespanhoes sobre os rochedos. Honra ao duque de Nottingham!

LORD HOWARD

Pois a minha espada desembainha-se agora para se crusar com a vossa.

SARA

Detende-vos.

CONDE DE ESSEX

Por que os duques e os condes, em Inglaterra, não se podem gladiar sem licença do soberano.

RAINHA

(*Não podendo já conter a raiva*). Não sois mais do que uma creança, e como a creança vos ensinaremos. (*Levanta a mão para lhe dar uma bofetada*.)

CONDE DE ESSEX

(*Levando a mão à espada*) Ah!

RAINHA

Quê! Guardas, guardas!...

O LORD CHANCELLER

Conde! que vos perdeis!...

CONDE DE ESSEX

(*Pequena pausa*) Nem mesmo a Henrique VIII consentiria um tal insulto. Se o que a rainha desejou foi ver-me chorar de raiva, conseguiu-o a rainha... Agora, seccae-vos já, lagrimas minhas, e brilhae; torna a brilhar, olhos meus, com n'um dia de batalha... (*com ironia*) Fidalgos inglezes, gerae filhos, ensinae-os a brandir uma espada. que ao regressarem da campanha, caçados da lucta, enegrecidos os rostos pelo fumo da artilheria, os aguarda a mão de uma mulher, de uma rainha para lhes estampar um insulto nas suas faces de heroes.

RAINHA

(*Acalmando-se um tanto e de si para si*) Não se ha de moderar nunca este impeto do meu genio.

HOWARD

A mim é que pertence humilhar este demonio da soberba (*levando a mão à espada*).

DRAKE

(*Fazendo o mesmo*) Tambem eu o humilharei...

CONDE DE ESSEX

Valorosos saqueadores de Cadiz! Desembainhaes contra mim as vossas espadas e inclinae-vos deante da rainha Isabel que annullou todos os vossos privilegios, igualou o parlamento da Inglaterra ao divan de Mahomet, e das corôas dos condes e dos duques mandou fundir a sua corôa real.

RAINHA

Vive Deus! A vossa espada, conde.

CONDE DE ESSEX

Ella aqui está. (*Desembainhando-a e mirando-a*). Uma boa lamina de Damasco, que meu avô no reinado de Eduardo III conquistou na Palestina aos inimigos da patria. Sobre esta lamina acha-se escripta a historia da nobresa de Inglaterra. No dia em que meu paé morreu de pena, por não poder sugeitar a vossa magestade a Irlanda revoltada pôl-a nas minhas mãos, e foi com ella que

eu esmigalhei os elmos hespanhoes. Quando n'uma rua de Cadiz me encontrei corpo a corpo com o heroico duque de Calatrava, e me apessei da sua gloriosa e pesadissima espada, foi assim que eu lh'a fiz em pedaços... (*Quebra a espada no joelho, e arremessa os pedaços aos pés da rainha*).

RAINHA

(*Cada vez mais colerica*). A Torre de Londres.

CONDE DE ESSEX

E mandae-me degolar. Será a minha cabeça mais uma das que o anjo da justiça vos apresentará no momento da vossa morte. (*Sae, acompanhado pela guarda*).

RAINHA

(*Espumando de raiva, quer fallar, mas mal o pode conseguir, e cae extenuada sobre uma cadeira*).

Ira de Deus!

(*Desce o panno*).

Trad. de

D. ANTONIO DA COSTA.

MENOS UM POETA

Eu venho do enterro de Ferreira de Menezes.

Ha já cinco dias que conduzimos ao cemiterio o corpo do nosso grande camarada, e a mim me parece que foi ha cinco minutos apenas! Essas terriveis commoções ficam buriladas na alma humana com um relevo estranho, e como a sombra dos alamos ao descambar do dia, ellas augmentam e se alongam n'uma sinistra attitude, á proporção que a noite vai cahindo das montanhas aos valles adornecidos...

Já muito se tem dito em redor d'essa sepultura. As vozes compungidas dos amigos e admiradores acordaram eloquentemente os tristes écos do campo santo, onde o sonhador da *Mancenilha* repousa pela primeira vez. A imprensa, de quem elle foi uma das mais bellas e heroicas forças, espalhou sobre o seu esquife as corôas e as lagrimas. Todos trouxeram uma phrase, uma palma, uma saudade, uma irradiação a esse sagrado ataúde que encerra, como n'um tabernaculo, o melhor coração que tem batido no peito da mocidade e no peito da Patria.

Eu não venho fallar-vos do luctador intrepido, do espirito pujante e leal que poz á disposição da justiça a sua penna talhada como uma arma capitolina, e que á maneira dos antigos paladinos bateu-se e morreu por uma só idéa; fiel a um só estandarte, escravo de um só pensamento.

Não venho fallar-vos de Ferreira de Menezes, o publicista original e destemido, o poderoso advogado das causas humildes, o defensor dos pobres, o eleito do povo, o indomavel inimigo dos potentados, leão contra os oppressores, ovelha para os opprimidos.

Os seus correligionarios, aquelles que desassombadamente poderam acompanhal-o na esplendida romaria, combatendo a seu lado, já o fizeram com liberdade e fulgor. Basta citar os nomes dos seus dois amigos da vanguarda:—basta citar Quintino, basta citar Serra.

Eu venho fallar-vos da alma sonora e gentil, a alma estrellada de chimeras, banhada de todos os extasis do Paraiso, em cujo regaço transparente—á semelhança das Horas do Guido—as Illusões, as Crenças loiras, as Visões coroadas de pampanos e rosas, de mãos entrelaçadas, dançavam cantando os poemas da Mocidade. E ella me traz com a sua lembrança uma fresca onda que me horripa de aromas, um perfume que me inebria e remoeça, um magico poder que me arremessa ao passado—a mim, seu velho companheiro n'essa formosa e insensata viagem atravez dos mundos invisiveis, cortado de rios diaphanos, onde hoiam as garças lyriaes, onde resplandecem os oiros das apotheoses, onde florescem as santas utopias e onde nos espera a Poesia, a Virgem dos primeiros e ultimos

amores, de cujas mãos recebemos o nectar mortal que nos devora. Todos nós, todos nós morreremos da mesma molestia, irmãos!—da febre do Ideal.

E' como poeta que deve ser estudado e querido Ferreira de Menezes. Porque elle foi poeta mesmo nas luctas viris do seu talento militante.

No fundo dos seus artigos politicos os mais violentos, dos seus discursos academicos, dos seus escriptos de combate, traçados no ardor da polemica, havia um vislumbre de melancolia, macio e teno como um raio de lua, e que era o vestigio deixado em sua fronte pelos labios da Musa n'uma noite de sonhos dolorosos em que elle adormeceu no regaço d'ella.

Era, pois, um poeta em todo o alcance d'essa palavra cruel e deliciosa, um coração votado aos meigos tormentos desconhecidos, uma alma que brilhava como uma estrellada, n'uma constellação de lagrimas.

Todos conhecem a historia d'esse martyr do pensamento. Ninguem ignora as peripecias da lucta gigantesca que elle empenhou contra um destino barbaro e impiedoso, lucta sem treguas, duello sem descanço, em que o seu coração, unico escudo exposto aos golpes traçoceiros do inimigo, cahiu retalhado em mil pedaços.

Entretanto o poeta atravessou sereno todas as tempestades da vida, envolto na sua tunica de linho como os bardos do christianismo, e desprendendo dos labios, tremulos de soffrimento, palavras de consolação, dulcissimos hymnos de ternura e de paz.

Estou a vel-o n'este momento, na penumbra do passado como um phantasma que me sorri. A nossa vida, a bella vida dos dezoito annos, cheia de enthusiasmos fulgurantes, de desejos insaciaveis, desliza a meus olhos humidos, mais encantadora e risonha que um cortejo de fadas matutinas.

Eis-nos nas largas varzeas de S. Paulo, nas claras noites de serenata, fallando das intimas cousas da vida, do amor, das illusões de um dia, das aspirações de um futuro, ai de mim! tão diferente para nós todos! E nos perdiamos felizes e extaticos pelo mundo desconhecido, caminhando entre os astros, bebendo a harmonia das espheras diamantinas, emquanto atravez da garôa as nossas brancas illusões, as doces filhas de nossa alma, fugiam ligeiras como um bando de Graças que o echo assusta!

A viagem era o sonho persistente que o acompanhava com as tentações de uma amante sequiosa. Mas a pobreza—e porque o não dizer? a miseria vinha cortar-lhe os vôos á phantasia, e lançava-o sobre os espinhos da vida, inexoravelmente.

Separamo-nos um dia. De longe, porém, chegava-me aos ouvidos a sua voz entusiastica e apaixonada, os vastos hymnos que elle entoava á liberdade, as meigas estrophes que elle desfolhava como petalas de lyrios sobre a suarenta cabeça dos infelizes...

Vim encontral-o de novo no dia de sua morte.

Realisaste o teu sonho, comigo! Chegou a hora da tua viagem final.

Não foste, como querias, passeiar o teu desejo pelas opulentas capitães do velho mundo, carcomido de glorias; não te ajoelhaste sobre os marmores do Pantheon, nem recebeste na cabeça inspirada os raios do sol, derradeira purpura que ondula nas ameias do Capitolio! Não sentiste, ó poeta das saudades dolorosas, não sentiste o murmuro das aguas de Parthenope, nem beijaste o pó que o viajante indifferente levanta da terra onde dorme o divino Mantuano... Não te perdeste, deslumbrado, entre os luminosos meandros de Paris, a cidadella de ouro, guardada pelo velho Hugo, o meigo titão invencivel. Não deixaste voar a tua alma enamorada, como uma humilde nuvem de amor, até aos pés dos apostolos do Buonarrotti, e aos horizontes, cheios de Deus, onde Raphael derramou as immortaes auroras de suas tintas e as sublimes estrellas de sua inspiração.

Não ouviste as fanfarras estridentes que povoam a patria dos grandes heroes legendarios, nem te associaste aos poderosos congressos das Sciencias, das Artes, e dos descobrimentos ingentes do espirito humano. O velho continente não conseguiu embalar-te em seu regaço, ó bello selvagem da poesia, ó virgem cantor americano, ó moço sacerdote das liberdades ousadas, das luctas aventureiras, das epopéas tropicaes.

O teu destino foi mais scintillante, vês tu! Nunca sahiste da tua terra, não te separaste jámais dos braços d'esta Patria, musculosa e encantadora, que te deu, com o seu leite vertiginoso, a força

dos atletas e a magestosa tranquillidade dos leões. Gladiador do Bem, a arena em que luctaste foi digna de ti.

Morreste na ineffável serenidade dos compromissos satisfeitos, e o teu coração, que tantas dores albeias acolheu, tantas amarguras hospedou, tantas lagrimas attrahiu, como uma arca de salvação abriu-se de par em par, e foi entornar no concavo da sepultura o seu thesouro de abnegações e martyrios... Amanhã, sobre a terra em que repousas, rebentarão rosas em cardumes amorosos, como teus pensamentos visiveis, e ellas não durarão apenas o espaço de um dia: ellas embalsamarão a alma dos teus irmãos até á hora em que nos encontrarmos todos, no fim da romaria, no infinito azul, crivado de glorias, onde nos receberás, como Walfrid, encostado á tua espada de neve e embaçado em tua clamylde de combate.

O logar que occupavas em nossa alma não será cedido a ninguem. Cobril-o-hemos de flores, e faremos inscrever n'uma flammula o teu nome como o do irmão mais amado, que partiu adiante para mostrar-nos o caminho.

Praticaremos de ti, de tuas formosas aspirações, de tuas elevadas chimeras; applaudiremos as musicas que te inspiravam, bateremos palmas aos talentos novos que souberem comprehender-te, abriremos os nossos corações aos saborosos effluvios que te alimentaram; daremos a mão aos pobres que consolavas, e quando passarem junto a nós as mimosissimas crianças, alegres e esperançosas, espalharemos sorrisos e beijos sobre ellas pronunciando o teu nome.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

RUMORES DOS PALCOS

A grande cantora Borghi-Mamo obteve afinal um brillantissimo successo sem restricções em Buenos Ayres, onde a critica lhe tem sido por vezes menos propicia. Os *Huguenotes* arrancaram uma ovação delirante, sendo entusiasticamente applaudidos, Borghi-Mamo e Tamagno. O *Siglo*, a *Nacion* e todas as folhas periodicas tecem os mais levantados louvores ao talento extraordinario de Herminia Borghi-Mamo e á voz poderosa e extensa de Tamagno.

*
* *

Seguiu para as provincias em digressão artistica parte da companhia que estava funcionando no Principe Real, levando á sua frente a eminente actriz Esther e o actor Ribeiro, da Trindade. O repertorio da companhia, que tenciona representar no Porto, Aveiro, Foz e Santarem, consta da *Niniche*, *Armario das afflicções* e *Sino do ermiterio*. Esperam-n'a de certo grandes ovações, especialmente em relação a Esther, cujo brilhante talento vae ser pela primeira vez apreciado nas provincias.

*
* *

O festejado escriptor Sousa Bastos tenciona tomar a empresa de um dos theatros do Rio, para o que virá a Lisboa no mez de janeiro escripturar alguns artistas.

*
* *

Sousa Bastos traduziu a zarzuela *Boas noites, sr. D. Simão*, que subiu á scena na *Phenix dramatica*, desempenhando o principal papel a actriz Pepa, e sendo vivamente applaudida.

*
* *

Falleceu a actriz Maria Peres, da Rua dos Condes, uma pobre rapariga, cheia de intelligencia e boa vontade, que a doença por um lado, e pelo outro a falta de recursos, atrophiam completamente, acabando por atiral-a para a cova na flor dos annos. Sentimos!

*
* *

As primeiras peças que deverão subir á scena no theatro de D. Maria serão o *João Baudry* de Vacquerie e *Le monde ou l'on s'ennui* de Pailleron.

*
* *

Agradou muito nos Recreios a comedia *Bola de sabão*.

*
* *

Regressa a Lisboa no mez de janeiro a actriz Herminia, que ha muito representa, colhendo sempre grandes ovações, nos theatros do Brazil.

SEGREDOS DE TOUCADOR

Offerecemos ás nossas leitoras uma serie de receitas excellentes para obstar á queda do cabello.

1.^a Agua de alecrim distillada, 4 litros.
Espirito volatil de ammoniaco, 28 grammas.
Tintura de cantharidas, 10 grammas.
Glycerina, 110 grammas.

Emprega-se duas vezes por dia, embebendo uma esponja no liquido e esfregando o casco da cabeça.

2.^a *Pomada*. Banha de porco, uma onça.
Tanino, uma drachma.
Tintura de cantharidas, 4 gotas.

3.^a *Agua para limpar a cabeça*.
Agua commum, 4 litros.
Alcool, 1/2 litro.
Pau de sassafráz, 125 grammas.
Pau de Panamá, 130 grammas.

Fervem-se os paus em agua, juntando-lhe depois o alcool e algumas gotas da essencia que se queira. Ainda assim é preferivel a esta agua a quina, misturada com vinho branco de boa qualidade. Deita-se esta mistura em um frasco e humedece-se com ella a cabeça de manhã e á noite.

ANTONIO DE LISBOA.

EXPEDIENTE

Em consequencia de desarranjo na machina onde se imprime o nosso jornal não pode sair o numero no dia aprasado, de que pedimos desculpa aos nossos leitores, que tem recebido em compensação alguns numeros extraordinarios, fóra do programma traçado no principio d'esta publicação.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

ALMANACH DAS SENHORAS

Vae entrar no prelo o *Almanach das Senhoras* para 1882, de que é redactora a sr.^a D. Guiomar Torrezão. O novo almanach, ao encerrar o seu 12.^o anniversario, apresentará um sem numero de novidades e melhoramentos, que constituirão, estamos certos, outros tantos elementos de extracção. Esta publicação, unica no seu genero em Portugal, que tem caminhado sempre escudada por um exito seguro, augmentando de anno para anno as suas tiragens e ampliando o quadro dos seus leitores e collaboradores, entre os quaes figuram os primeiros nomes da litteratura portugueza e brazileira, corresponde d'esto maneira ao favor publico, obtendo assim novos titulos ao apreço dos seus numerosos leitores. O *Almanach das Senhoras* para 1882, que dispõe de uma collaboração brilhante, abrirá com o retrato photographico de madame Julieta Lamber, viuva Adam, a celebre republicana redactora da *Nouvelle Revue*, um dos orgãos mais adiantados da imprensa franceza. O retrato é acompanhado da biographia da grande jornalista franceza, escripta pela redactora do almanach, a sr.^a D. Guiomar Torrezão, e seguida de um autographo de madame Adam.

Inaugurará além d'isso o novo almanach uma serie de gravuras que illustrarão o texto, correspondendo assim ao gosto moderno que exige a par da imagem abstracta, realisada por meio da escripta, a imagem figurada por intermedio do lapis e da gravura. Tendo sido acolhida com geral apazimento a secção de problemas inaugurada no almanach de 1881, a empresa do *Almanach das Senhoras* resolveu desenvolvê-la, para o que convidou um illustre lente de mathematica que se dignou dispensar-lhe uma valiosa collecção de problemas. Os problemas do almanach para 1882 dividir-se-hão em duas series, sendo uma exclusivamente para o Brazil.

Todos os problemas são premiados, entregando-se o premio á primeira pessoa que enviar a solução, depois de exposto á venda o almanach, dirigindo-se á livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, deposito principal e actual gerencia do *Almanach das Senhoras*.

Eis a relação dos principaes premios:

- Uma argola DE PRATA para guardanapo.
- Um *souvenir* DE PRATA.
- Musicas.
- Chromo-lythographias.
- Collecções de jogos allemães em caixas de madeira com dados.
- Um quadro a cartão, feito e offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Curado.

Uma collecção do *Almanach das Senhoras*.
Livros de missa com capas de metal, (dois).

Livros: *Arabescos*, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *L'Espagne moderne*, de Madame Rattazzi. — *L'Homme noir*, de Alfredo Sirven, com um autographo de Victor Hugo. — *Bibliotheca do povo e das escolas*, uma serie de livrinhos de estudo. — *Contos sem nome*. — *Perfis moraes*, do dr. Baldy. — *El deber cumplido*, romance de D. Faustina Saez de Melgar, etc., etc., etc.

A empresa do *Almanach das Senhoras*, correspondendo por todas as formas á grande acceitação que encontrou no respeitavel classe commercial a secção de annuncios que encetou em 1877, a qual tem visto progressivamente augmentada, e desejando tornar o mais vantajosa possivel a publicidade dos mesmos, resolveu inaugurar no almanach para 1882 um novo genero de annuncio que submete á apreciação dos senhores annunciante.

Como é sabido, a avultada tiragem e extraordinaria extracção do *Almanach das Senhoras*, em todo o reino, no Brazil, nas ilhas e colonias, dava de per si a maxima vulgarisação ao annuncio. A empresa, porém, tendo em vista facultar-lhe mais amplo desenvolvimento, vae publicar no futuro almanach, independente da secção de annuncios impressos em papel de cores diversas, e incerta no fim, o annuncio intercallado no texto, á imitação de que fazem identicas publicações na America, Inglaterra, França, etc. Custará cada annuncio, publicado na secção litteraria, o qual não poderá occupar menos de uma pagina, 2\$500, subsistindo para os annuncios do fim do almanach o preço habitual, isto é, uma lauda 1\$500, meia 1\$000, paga adiantada. Além d'isto, a empresa do *Almanach das Senhoras*, empenhando-se em facilitar por todas as maneiras a divulgação do annuncio, cuja reconhecida utilidade é ocioso encarecer, publicará um catalogo commercial, com indicação dos estabelecimentos, pagando apenas cada annunciante 200 réis, podendo dispôr de uma linha para a menção da sua industria e residencia. Os srs. assignantes que avaliando bem as vantagens que lhe offerecemos, queiram dispensar-nos os seus annuncios, sirvam-se fazê-lo desde já, remettendo-os para a agencia BASTOS e GONÇALVES, rua dos Retrozeiros, 147, ou para a LIVRARIA ZEFERINO, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, e no Porto para a *Agencia da Publicidade*, Praça de D. Pedro, 23, indicando nos mesmos se desejam publicado o annuncio no texto ou no fim do livro.

AO COMMERCIO BRAZILEIRO

Os srs. annunciante brazileiros que se dignem dispensar-nos os seus annuncios queiram remettê-los aos nossos agentes, srs. Arthur Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro, onde se acham patentes os preços e condições dos mesmos. Os mesmos srs. são os unicos encarregados da venda do *Almanach das Senhoras* no Brazil, tendo tambem a seu cargo fazerem entrega dos premios ás pessoas que resolverem os problemas da edição brazileira.

RIBALTAS E GAMBIARRAS

Assigna-se para esta revista semanal, critica, scientifica e humoristica, no Brazil, em casa dos srs. Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro; em Lisboa, na livraria editora, rua dos Fanqueiros, 87.

Preços: para o Brazil, cada serie de 25 numeros 2\$000 réis
Portugal, idem \$500

(Paga adiantada)